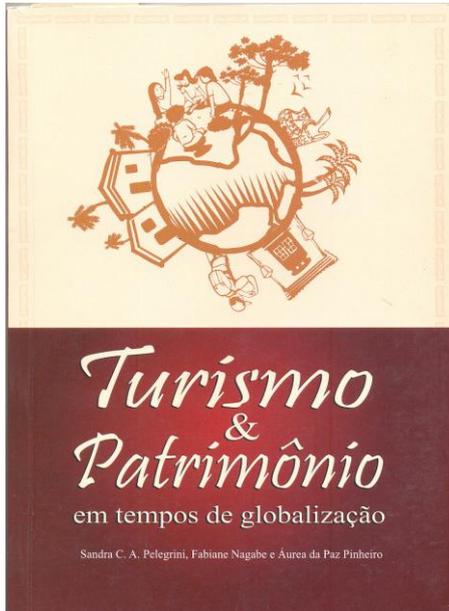


RESENHA



TURISMO E PATRIMÔNIO Em tempos de globalização

Por Dra. Susana Gastal¹

Desde seus primórdios, ainda em meados do século XIX, a indústria cultural impôs uma nova relação entre produtores e platéias, seja em termos de artes visuais, artes cênicas, música ou literatura. Os meios técnicos, por um lado, permitiram a maciça ampliação das platéias e, por outro, condicionaram forma e conteúdo à nova estética dos meios, naquele momento, mecânicos.

Ao longo do século XX, a presença das tecnologias eletrônicas foi responsável por ampliar e diversificar as plateias, agora

¹ Professor e pesquisador do Mestrado em Turismo, UCS. susanagastal@gmail.com

globalizadas, e aprofundar a questão estética, ante os novos *hardwares* e *softers* colocados à disposição dos criadores. Houve, ainda, a imposição da profissionalização qualificada, pois o século XXI nos coloca frente a um mercado que envolve cifras de muitos dígitos e um público consumidor cultural que não mais tolera o diletaante bem intencionado, por melhores que sejam as suas boas intenções.

A reflexão teórica, e não necessariamente acadêmica, tem acompanhado as novas performances da área, em geral sem os ranços das reflexões iniciais da Escola de Frankfurt, cujos pensadores, exceção feita ao entusiasmo de Valter Benjamin pela fotografia e cinema, viam na difusão da cultura pelos meios de reprodução técnica, uma perigosa popularização das artes, antes 'maiores'. O novo olhar teórico levou à ampliação do número de fazeres, reconhecidos como culturais. Beneficiaram-se a gastronomia, a música popular e toda uma série de bens imateriais, antes relegados a 'coisas do povo', não merecedoras do status e do reconhecimento como Arte e Cultura.

A relação do turismo com a cultura, nas suas práticas, em muitos casos ainda se coloca com posturas do século XIX, ao trabalhar nas propostas de produtos turísticos, prioritariamente com o artesanato e a arquitetura erudita. Nesses produtos, mesmo a gastronomia continuaria tratada como 'típica', um termo quase desrespeitoso, para referir algo com tantas nuances em termos de fazeres e saberes, o que a torna, com certeza, uma Arte maior.

Toda essa introdução, talvez um pouco longa, é para saudar o lançamento de TURISMO E PATRIMÔNIO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, organizado por Sandra C.A. Pelegrini, Fabiane Nagabe e Áurea da Paz Pinheiro. Pelegrini é veterana na área, já tendo nos dado

Patrimônio cultural: consciência e preservação (BRASILIENSE, 2009) e **Narrativas da modernidade na pesquisa histórica** (EDUEM, 2005), este organizado em conjunto com Silvia Zanirato. E, assinado com Pedro Paulo Funari, **O que é cultura imaterial** (BRASILIENSE, 2008).

O título ora lançado reúne sete artigos, que buscam pensar questões contemporâneas envolvendo o patrimônio, considerando a globalização e a regionalização como cenários, não só em termos teóricos, mas também nos seus desdobramentos sobre as práticas da produção turística. Entre os temas abordados estão o patrimônio localizado no espaço rural, confrontado com a contingência de que o reconhecimento de bens como patrimônio e como cultura, tem sido apanágio daqueles localizados nos espaços urbanos. Nagabe, em seu artigo, intitulado “Dinâmicas no campo: o turismo e o patrimônio cultural como faces da globalização”, destaca que “a noção de ruralidade se vincula não somente à territorialidade espacial ou à delimitação política de tais ambientes, mas, sobretudo, às características culturais e identitárias das coletividades e dos indivíduos pertencentes ao mundo rural”. (p.21). Outro mérito de Nagabe é o de apresentar toda uma seção sobre patrimônio gastronômico no campo, sem utilizar o termo ‘típico’.

Pelegri, no artigo “Turismo de massa versus turismo cultural. Políticas preservacionistas em espaços museais abertos” levanta a importante questão do que denomina como *espaços museais abertos*, para analisar a situação de Olinda/PE. No clima de que *outra relação com o patrimônio é possível*, a autora, entretanto, fica nos devendo uma discussão, latente quando se fala nesse tipo de cidade histórica: a difícil contingência de viver numa localidade transformada em museu pela qualidade do seu patrimônio, mas que deve continuar funcionando como cidade. Como disse uma ex-primeira dama sobre o Palácio da Alvorada: “É muito difícil viver num palácio”.

Pedro Paulo Funari, como sempre generoso, abre espaço para as novas gerações de

pesquisadores e assina o artigo “Turismo e arqueologia no Brasil: a epistemologia pós-moderna em dois estudos de caso”, com Fabiana Manzato e Louise P. Alfonso. O tema não poderia ser mais urgente: a sofrida situação do patrimônio arqueológico brasileiro. Os autores nos apresentam a situação do Circuito Arqueológico do Sertão Alagoano e das Ruínas Engenho São Jorge de Erasmos, sob o enfoque de que a arqueologia não pode ser vista apenas como uma técnica, “mas como prática social”, que produz conhecimento “com as pessoas” e não, para as pessoas. (p.110).

Outro avanço da obra capitaneada por Pelegri é o de incluir o patrimônio natural, musealizado nas áreas naturais protegidas, e a discussão sobre memória e identidade social, em textos respectivamente assinados por Leandro Martins Fontoura e por Áurea da Paz Pinheiro. Este último apresenta uma discussão importante sobre a História e a colocação da educação patrimonial como proposta transversal e interdisciplinar para o seu ensino.

O último artigo, “Contradições do Turismo na sociedade de consumo”, de Telma Santos, muito apropriadamente encerra o volume, provocando questionamentos sobre o turismo, de viés epistemológico. Telma representa toda uma geração de teóricos, oriundos dos cursos de Turismo, levando a que pela primeira vez, no Brasil, haja uma massa crítica saída desses cursos. Até recentemente, Rejowski, Barretto e Trigo estavam entre os poucos turismólogos a pensar criticamente a área. O avanço da pós-graduação no Brasil e a ênfase menos técnica e tecnológica na formação acadêmica nos anos 1980 e 1990 (infelizmente abandonada, mesmo por instituições tradicionais, na passagem do século XX para o XXI), hoje nos possibilita um grupo consistente, oriundo da graduação na área, a pensar o fenômeno. Quero dizer que deixamos de ter apenas nomes oriundos em outras áreas de saber assinando as reflexões (muitas vezes mal humorada) sobre o Turismo, e estamos assistindo a uma construção endógena do saber, que, nesse caso, é muito bem vinda.

Deixei o ensaio de Rafael José dos Santos, "As cores locais: regionalidade, cultura e turismo", propositalmente para o final. O texto do professor Santos extrapola o interesse restrito ao turismo na sua relação com a cultural, para que, conduzido por sua reflexão de fala mansa, nos conduza pelos intrincados caminhos do local e do regional, no cenário globalizado. Como ele explica: "é localmente que as pessoas vivem, é de local para local que elas viajam, é nas localidades que o global constrói seus espaços: *shoppings*, *resorts*, grandes aeroportos e parques temáticos". (p. 65).

Parabéns aos autores e boa leitura aos leitores.

À Sandra e equipe, aguardamos o próximo.

PELEGRINI, Sandra C.A., NAGABE, Fabiane e PINHEIRO, Áurea da Paz. (orgs.). **Turismo e Patrimônio em tempos de globalização**. Campo Mourão: Fecilcam, 2010. 242p. ISBN 978-85-88753-10-5